

Formas de Representação dos Índios nas Cartas de Johann Natterer

Forms of Representation of Indians in the Letters of Johann Natterer

Rafael Chaves Santos

Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: rafferufrij@gmail.com

Luiz Barros Montez

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo

Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: luiz.montez@gmail.com

Endereço: Rafael Chaves Santos

Endereço: Faculdade de Letras, Departamento de Letras Anglo-Germânicas. Avenida Jequitibá, 2151, Depto. de Letras Anglo-Germânicas. Ilha do Fundão - 21941590 - Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

Endereço: Luiz Barros Montez

Endereço: Faculdade de Letras, Departamento de Letras Anglo-Germânicas. Avenida Jequitibá, 2151, Depto. de Letras Anglo-Germânicas. Ilha do Fundão - 21941590 - Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 25/08/2016. Última versão recebida em 18/09/2016. Aprovado em 19/09/2016.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação.

Apoio e financiamento: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

RESUMO

No presente artigo busca-se analisar o discurso do viajante austríaco Johann Natterer sobre os índios em suas cartas escritas durante sua permanência de 18 anos no Brasil como membro da Expedição científica austríaca (1817-1835). Com este objetivo, propõe-se, então, evidenciar as estratégias de construção discursiva presentes nos textos do viajante e problematizar esse discurso carregado de valores ideológicos (eurocêntricos) numa tentativa de ampliar o debate sobre as questões que envolvem o índio na história do Brasil. Procura-se demonstrar também que o discurso do viajante não é uma prática social isolada, mas sim uma prática concreta que interagiu com outras práticas (discursivas e não discursivas) em um embate dialético e ideológico na construção da imagem do índio no século XIX no Brasil.

Palavras-chave: Johann Natterer. Índios. Discurso. Caráter.

ABSTRACT

In the present article seeks to analyze the speech of the Austrian Johann Natterer traveler on the Indians in his letters written during his 18 years stay in Brazil as a member of the Austrian scientific expedition (1817-1835). To this end, it is proposed, then highlight the strategies of discursive construction present in the traveler's texts and discuss this speech laden with ideological values (eurocentric) in an attempt to broaden the debate on issues involving the Indian in Brazil's history. It seeks to demonstrate also the traveler's speech is not an isolated social practice, but a concrete practice that interacted with other practices (discursive and non-discursive) in a dialectical and ideological struggle in the Indian image construction in the nineteenth century in Brazil.

Keywords: Johann Natterer. Indians. Speech. character.

1 INTRODUÇÃO

1.1 O viajante austríaco

Johann Baptist Natterer nasceu em 9 de novembro de 1787, na pequena cidade de Luxemburgo, próxima à Viena. Em 1804, ainda com 17 anos, Natterer realizou sua primeira viagem de caráter científico pela Europa, na companhia de seu pai, indo para a Hungria, onde pesquisou com ele os pântanos no Lago Neusiedl, próximo a Pamaggen, Wallern, Antau etc.

Entre 1806 e 1808, por influência do irmão, que já fazia trabalhos voluntários, Natterer foi convidado por Karl von Schreibers para trabalhar como pesquisador não remunerado no Museu Imperial de Zoologia de Viena. Schreibers acabara de assumir a direção do Museu.

Nos anos seguintes, Natterer frequentou também, cursos de idioma e desenho na Real Academia de Viena, aperfeiçoando habilidades que, junto às experiências obtidas em suas viagens, foram de grande valor durante sua estada no Brasil.

Já em 1815, foi enviado por Schreibers, a Paris para trazer de volta a Viena os objetos de arte e ciência que haviam sido levados por Napoleão. Em 1816 foi, finalmente, nomeado assistente do Imperial Gabinete de Objetos da Natureza de Viena, cargo este não remunerado. Este ano encerraria o primeiro período na vida de Natterer, o qual foi fundamental para o segundo período de sua vida entre 1817 e 1835, quando veio para o Brasil e permaneceu aqui por 18 anos como membro da Expedição científica austríaca.

No ano de 1817, Natterer foi convidado a integrar a Expedição científica austríaca (1817-1835), que vinha ao Brasil acompanhando a filha do Imperador Francisco I da Áustria, Leopoldina (1797-1826), por ocasião do casamento desta com o príncipe herdeiro e futuro imperador do Brasil D. Pedro.

Em 15 de setembro de 1835, Natterer foi obrigado a deixar o Brasil às pressas com sua família pois, no Pará, local onde estava, ocorria a Cabanagem (1835-1840) e os insurgentes já haviam destruído parte de seu material e comido alguns animais que ele pretendia levar para a Áustria. Em 9 de novembro de 1835, chegou a Londres, onde permaneceu durante quase um ano para restabelecer sua saúde. Sua chegada à cidade de Viena só ocorreu, então, em 13 de agosto de 1836. Após seu retorno, Natterer foi nomeado assistente do Imperial Gabinete de Viena, e entre os anos de 1838 e 1840, realizou ainda diversas outras viagens por vários países da Europa: Alemanha, Dinamarca, Suécia, França, Holanda e Inglaterra, com o objetivo de complementar seus estudos e coleções, assim como, possivelmente, produzir algumas obras.

Em 1843, entretanto, devido a complicações em seu estado de saúde e uma grave congestão pulmonar, em 17 de junho, Natterer faleceu, deixando sua obra de ornitologia e outras que pretendia publicar inacabadas.

O naturalista, contudo, concluiu dois trabalhos publicados na área das ciências naturais: o primeiro *Lepidosiren paradoxa*, nos anais do museu de Viena (1839) e, o segundo, *Beiträge zur näheren Kenntniss der südamerikanischen Alligatoren* (1839).

Durante seu 18 anos no Brasil Natterer reuniu uma quantidade inacreditável de materiais das várias áreas das ciências naturais e peças de diversas tribos indígenas: 430 espécies minerais; 1.729 vidros com helmintos; 1.024 moluscos; 409 crustáceos; 32.825 insetos; 1.671 peixes; 1.678 anfíbios; 12.294 aves; 1.146 mamíferos; 125 ovos; 192 crânios; 147 tipos de madeira; 242 amostras de sementes; 216 moedas; 1.492 objetos etnográficos (jóias, armas, aparelhos, vestimentas) de mais de 70 diferentes etnias.

Nas cartas escritas em seus primeiros anos no Brasil, Natterer não falou sobre os índios, nem mesmo recontando histórias de outros. A partir de meados de 1820, foram encontradas já as primeiras manifestações sobre os índios, mas que, como veremos adiante, trata-se de reproduções das histórias que o naturalista ouvia. O contato intenso com tribos de índios iniciou-se, então, quando o viajante começou a percorrer a região central do Brasil, a partir de 1824. O maior contato com os índios ocorreu, contudo, no período entre 1825 e 1832, quando o naturalista visitou as regiões centro-norte do país.

No Brasil, o nome de Natterer é referência em diversas áreas das ciências naturais, principalmente na ornitologia, e é citado por diversos estudiosos como naturalista fundamental devido às suas descobertas. Afirma-se, por exemplo, que “perto de 10% das aves do Brasil que se conhecem foram descobertas por Natterer” (IHERING, 1902, p.23).

Não faltam também elogios ao material levado por Natterer à Áustria, assim como à maneira como ele realizou seu trabalho de campo. O zoólogo brasileiro Amilcar Arandas Rego (1982) afirmou que “tudo que se conhece de helmintologia no Brasil até o século XX é devido praticamente ao material coletado por Natterer”. Phillip Hershkovitz (1987), mastozoólogo americano, defendeu que o acervo de Natterer “apresentou mais espécies e incluiu mais gêneros do que foram reunidos no Brasil por quem quer que seja nesse século, ou em qualquer outro período”. Nelson Papavero (*apud* STRAUBE, 2000, p.8) diz que “um cálculo simples mostra que ele (Natterer) deve ter preparado em média duas peles de aves por dia durante todos os dias durante seus 18 anos no Brasil, não contando domingos e feriados, dias empregados em viagens etc.”

1.2 As Cartas de Natterer

Neste artigo é analisado o discurso do naturalista austríaco Johann Natterer sobre os índios brasileiros. Para compor esta análise de discurso são utilizados trechos das cartas do viajante, nos quais ele se refere aos índios. O conjunto deste material é composto de uma coleção de 232 cartas. O total de cartas, nas quais foram encontradas referências sobre os índios, é de 45. A primeira foi escrita em 8 de julho de 1820, e a última foi escrita já após sua saída do Brasil em agosto de 1836.

Natterer trocou cartas com diversos representantes da política brasileira, além de outros viajantes europeus; leu diversas obras de viajantes com os quais conviveu e de outros com quem não conviveu, dominava o idioma português e esteve em contato direto com diversas tribos. Observaremos também a quase incapacidade do viajante (assim como outros viajantes europeus) de se desprender “de sua cultura de origem para observar e repensar a população visitada” (LEITE, 1997, p.10), o que gerava conflitos na compreensão do outro (diferente).

Como membro da Expedição científica austríaca, Natterer recebeu as instruções de comportamento e procedimento para a realização de suas “tarefas” no Brasil. Estas instruções foram elaboradas pelo diretor geral da Expedição que buscou auxílio e sugestões de personalidades das áreas das ciências naturais de várias nações para realizar a elaboração de um manual. A principal voz que orientou a elaboração deste manual foi sem dúvida Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840). Metternich, diretor geral da Expedição, escreveu uma carta para Blumenbach em outubro de 1816 pedindo conselhos e sugestões para a elaboração da Expedição que viria ao Brasil. O naturalista alemão enviou, em resposta, um catálogo de perguntas e desejos que continham questões estatísticas e antropológicas sobre a população do país e que, certamente, influenciaram a formulação das instruções de atuação dos naturalistas no Brasil. Além disso, havia o intuito de divulgar a Expedição e trazer olhares interessados para ela do mundo todo.

Além da influência de Blumenbach, Natterer, em sua longa permanência no país, esteve em contato com algumas das vozes que, de alguma forma, influenciaram, ou mesmo estavam presentes nos seus textos (cartas), quando o viajante se referia aos índios.

Dentre as principais vozes à época e que interagiram com o viajante, pessoalmente ou através de cartas, ou mesmo que apenas teve contato através da leitura de obra(s) e que tiveram papel de relevante importância na construção do pensamento do naturalista sobre os índios, destaque: Francisco Ricardo Zany, José Bonifácio de Andrada e Silva, Georg Heinrich

von Langsdorff, Antonio Luiz Patrício da Silva Manso, Wilhelm Ludwig von Eschwege, O príncipe Maximilian Alexander Phillip zu Wied-Neuwied e Wilhelm Christian Gotthelf von Feldner.

Todos esses personagens tiveram papel relevante no Brasil do século XIX, no que diz respeito aos índios, seja através de pesquisas sobre eles, seja através da construção da imagem deles em suas obras ou ainda no contato direto com eles em suas viagens pelo Brasil.

Na proposta de análise discursiva que se apresenta, os exemplos seguem uma ordem cronológica, para permitir uma observação melhor de uma possível mudança discursiva no texto de Natterer com o passar dos anos.

Natterer não publicou nenhuma obra sobre sua viagem ao Brasil, entretanto, diversos jornais austríacos noticiaram a vinda da Expedição científica, assim como publicaram na íntegra algumas de suas cartas, ou ainda grande parte do livro oficial da Expedição, elaborado e organizado por Karl von Schreibers.

Os principais jornais austríacos que divulgaram notícias da Expedição austríaca e o andamento das viagens de Natterer foram o *Wiener Zeitung (1703-hoje)*, *Wiener Zeitschrift (1816-1849)* e a revista *Isis von Oken (1817-1848)*. Estas publicações, além de apresentarem o maior número de notícias referentes à Expedição, tinham uma abrangência e circulação maior na região europeia de língua alemã.

Sobre o material utilizado neste artigo, faz-se necessário destacar ainda que, por ocasião dos levantes revolucionários em Viena em 1848, ocorreu a perda de grande parte das cartas originais de Natterer. Incêndios, que se alastraram como consequência do bombardeio da cidade, destruíram parte do Gabinete Natural da Corte (*Hofnaturalien cabinet*), sua biblioteca e parte da residência de trabalho do diretor Schreibers. Tal fato aniquilou grande parte desta documentação histórica. Em virtude disso, é de enorme importância este volume de cartas.

Estas cartas encontram-se hoje no Arquivo do Estado e da Corte austríacos (*Haus-Hof- und Staatsarchiv - HHStA*), na Seção de Manuscritos da Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena (*Wiener Stadts- und Landesbibliothek - WStLB*), na Biblioteca Nacional da Áustria (*Österreichische Nationalbibliothek - ÖNB*) e no Museu de Etnologia de Viena (*Museum für Völkerkunde - MVK*).

Dentre as representações dos índios nas cartas do viajante austríaco, selecionamos, para os limites deste artigo, o tópico que aborda as descrições sobre o comportamento e o caráter dos índios.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Prática discursiva e etnografia

Para a consecução deste artigo foi preciso utilizar uma metodologia de análise multidisciplinar que permitisse articular aspectos da ordem da cultura, da ideologia e de poder (como o etnocentrismo). Utilizei, para este propósito, a Análise de Discurso (AD). Assim sendo, este artigo traz, para a discussão sobre a construção discursiva dos indígenas brasileiros por Natterer, questões que não se limitam ao campo da linguagem, mas que abarcam o campo da história e da etnografia. Com esta abordagem multidisciplinar o artigo dá uma contribuição a cada uma dessas áreas em particular, à Linguística Aplicada, pelo ineditismo de seu enfoque e pelos seus resultados.

Fazemos uso do conceito de discurso entendido como a prática da linguagem, a palavra em movimento. A linguagem é, então, em nossa metodologia de análise, concebida como “uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.” (ORLANDI, 2001, p. 16) Através dela existe tanto a possibilidade de continuidade e permanência, como também o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que se vive.

Na AD, o discurso é o lugar teórico em que se intrincam, literalmente, todas as grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A Análise se reflete sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como defende M. Pêcheux (1988), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. É no discurso que vamos observar a relação entre língua e ideologia.

Fazemos, em nossa proposta de estudo, uso de alguns conceitos oriundos da A.D. (Análise de Discurso) como o de polifonia (DUCROT, 1987) que vai se referir aos discursos nos quais encontramos o viajante fazendo uso de outras vozes e, ao mesmo tempo se colocando em uma posição de “neutralidade” em relação ao apresentado. Nestes discursos, muitas vezes, a posição do viajante é omitida de maneira consciente, uma espécie de manipulação daquilo que se quer falar com o objetivo de atribuir ao outro sua fala e ao mesmo tempo, se excluir do dito.

Com base no que afirmamos a cima, então, será possível analisar discursivamente a concepção ideológica de índio dos textos do viajante, e também como essa concepção utiliza-se de certas formas de representação que geraram estereótipos postos em circulação no Brasil e na Europa. Com o auxílio da AD busca-se entender: “como o discurso que define o índio constitui certos processos de significação, produzindo o imaginário pelo qual se rege a nossa sociedade.” (ORLANDI, 1990 p. 20)

Aqui cabe, portanto, reafirmar nosso posicionamento ideológico e crítico em relação ao discurso histórico. Defendemos que a história está diretamente ligada às práticas sociais e não ao tempo. A história se estrutura com base nas relações sociais de poder e não no tempo cronológico. Ainda segundo Orlandi, (1990, p.42) “a relação da análise do discurso com o texto não é extrair o sentido, mas apreender a sua historicidade, o que significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos” e de poder. O discurso do viajante sobre os índios é histórico, porque se produz em determinadas condições e relações de dominação e também em um determinado plano ideológico uma concepção de mundo etc.

Alguns termos utilizados na AD, que vêm originalmente da antropologia, também são acionados e funcionalizados na nossa proposta de análise. Um deles é o conceito de civilização, que é vista como a expressão da consciência ocidental, o sentimento nacional ocidental. Outro que será utilizado é o termo cultura, que está diretamente ligado ao índio dentro deste discurso padrão europeu, que o vê como um ser etnográfico. As formas de discurso utilizadas para definir o índio somam estes dois conceitos e criam a dicotomia: europeu (história/ civilização) e do outro lado o índio (etnografia/ cultura). O europeu, ao se definir como civilizado criou uma oposição entre ele e o outro, no caso aqui, o índio, não civilizado, bárbaro etc.

O objetivo principal deste artigo que se apresenta é colocar em evidência o discurso do viajante europeu, como uma prática social que, dentro de um determinado contexto, interagiu dialeticamente com outras práticas sociais na construção da imagem (formas de representação) dos índios do Brasil no século XIX.¹

¹ Os resultados apresentados neste artigo fazem parte de uma ampla pesquisa que envolveu as cartas, as anotações e os fragmentos de diário do viajante austríaco Johann Natterer e contou com o apoio da CAPES.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Comportamento e caráter indígena

O principal objetivo político em relação aos índios no século XIX era tentar apagar a presença (existência) deles, fosse através da miscigenação, ou através do extermínio. O discurso sobre os índios servia, então, como estratégia que justificava tais atos contra os mesmos. Como veremos, as descrições do viajante serviam para demonstrar que o outro (e não europeu), ou seja, o índio era um ser estranho aos olhos do civilizado.

Para Natterer, muito influenciado pelo discurso que circulava no Brasil, os índios eram agressivos, sorrateiros, e também vistos como seres inconfiáveis. Além disso, em sua essência não gostavam de trabalhar, só das suas atividades “primárias” pescar, caçar e dançar.

Em seu discurso existe uma dicotomia entre capacidade intelectual de um lado, e força física ou habilidade para atividades práticas do outro. O índio se encontra no grupo daqueles em que predomina a força física em detrimento da intelectual, e é tido como incapaz e inferior, que necessita da intervenção europeia para ser civilizado, mas como, muitas vezes, não aceitava esta ação do europeu de forma pacífica, havia, então, a necessidade de se intervir de maneira bruta. A violência do europeu para com o índio era defendida como admissível através de exemplos dos ataques dos índios ou emboscadas, o que também justificava o porquê do europeu estar ali naquela zona de contato.

Vamos apresentar, então, exemplos do discurso de Natterer que corroboram esta visão europeia, e tentar verificar se, naquilo que chamamos de segunda fase de sua viagem, ou seja, a partir de 1827, ocorreu uma mudança em seu discurso.

Na primeira fase de suas viagens, o contato direto com índios quase não ocorreu e, por isso, Natterer, em suas palavras reproduzia o discurso que ouvia das pessoas com quem convivia.

Os primeiros exemplos que apresento sinalizam isto de maneira clara, pois são sempre afirmações que se referem a acontecimentos que podem ter ocorrido, mas não haviam sido (ainda) vivenciadas pelo viajante.

As histórias de ataques ou emboscadas são recorrentes e, quando o austríaco estava em Ipanema, na província de São Paulo, ao escrever para o irmão tenta tranquilizá-lo, pois lembra a ele que tinha vários cães que o acompanham e servem como alarme para a chegada de índios.

[...] quando eu for então de Curitiba pelos sertões de Lages, um deserto, onde se passa 15 a 20 dias sem se encontrar uma casa e onde às vezes os selvagens fazem uma visita, para desejar uma boa noite. Porém, aí muitas pessoas viajam juntas e à noite monta-se guarda e as espingardas são colocadas a posto. Os cães são então de grande utilidade.²

Os cães serviriam de alarme, mas ele também estava preparado e bem resguardado com as espingardas, que estavam em ótimo estado. Vemos que a visão presente nesta carta do viajante é de, que se os índios aparecessem, deveriam ser recebidos à bala, pois representavam perigo para ele e sua equipe.

Seguindo viagem pelo sul do Brasil, Natterer escreveu novamente para a irmão, agora de Curitiba, e seu discurso sobre os índios continuava o mesmo: “Eu estou agora no ponto da viagem que vai passar pelo deserto de Lages. As espingardas estão em bom estado, cartuchos carregados e então eu não temo os selvagens. À noite serão montadas guardas”.³ Continuava bem armado para qualquer possível “ataque” dos índios, ou seja, sua postura perante os selvagens (os índios) permanecia a mesma, uma vez que ele não havia ainda tido contato direto com eles, seu posicionamento era baseado apenas nas histórias que chegavam até ele.

Nesta mesma época escreveu também para o Barão de Mareschal. Nesta carta descobre-se, então, de onde vêm as informações sobre o perigo dos índios e de como lidar com tal situação, assim como qual caminho seguro a seguir:

Para poder realizar a perigosa viagem pelo sertão de Lages, por causa dos numerosos índios, eu precisei, após o sábio conselho de homens experientes, deixar aqui até o meu retorno minhas grandes e amplas malas, as quais eu adquiri no Rio de Janeiro sem ter conhecimento dos caminhos no sul ou mesmo no interior, e mesmo poder trocá-las por outras pequenas de meio palmo de largura. [...]⁴

São homens “experientes” que aconselham o viajante a tomar determinadas precauções para não ser atacado por índios. Estes homens experientes eram, em geral, militares portugueses, que administravam as localidades que ele percorria.

Essas vozes reaparecem quando, no início de 1821, fazendo seu relato oficial para Karl von Schreibers, Natterer conta casos de ataques de índios e acrescenta, porém, um item novo, o fato de que em algumas regiões eles estavam sob intervenção dos europeus (brancos) e, desta forma, se tornando “mais esclarecidos” (*aufgeklärter*):

Um principal motivo para que esta região não esteja ainda abastecida de habitantes deve ser procurado nas atitudes hostis dos selvagens que destroem toda colonização. Estes

² Carta de 8 de julho de 1820 para Josef Natterer, WStLB.

³ Carta de 17 de novembro de 1820 para Josef Natterer, WStLB.

⁴ Carta de 26 de novembro de 1820 para o Barão de Mareschal, MVK.

selvagens que em geral são documentados com o nome de Bugres devem ser das nações Tacataias e Votorons. Eles tornam as viagens no sertão muito perigosas para os viajantes que, por isso, geralmente viajam em pequenas caravanas fortemente armados e à noite montam guardas para se proteger de ataques. Não obstante, não se passa um ano sequer, no qual não se fique sabendo de sucessivas mortes. Há dois anos, 5 rapazes e um negro, que queriam ir para o Rio Grande por causa do comércio de mulas, foram espancados até a morte. [...] Desde que se começou a amansar os selvagens nos estepes de Guarapoava que estão em contato com os do sertão de Lages, eles se tornaram então também um pouco mais “esclarecidos” (*aufgeklärter*). Eles receberam conceitos básicos de armas de fogo e agora sabem que elas sempre precisam ser carregadas, para ganhar tempo, e eles possam neste meio tempo dar muitos tiros com suas flechas. Eles tinham a ilusão de que se podiam dar tantos tiros quanto se quisesse um após os outros com as armas de fogo. Disto agora eles estão afastados. Deve haver entre eles alguns brancos espalhados que os ensinam de tudo.⁵

Com as afirmações de que não se passava um ano sequer sem que os índios não matassem alguém e de que a localidade não era habitada devido ao ataque constante de índios, Natterer assim confirmava que, o que ele descrevia, na verdade, se tratava de histórias que ele ouvia.

Outro ponto que confirma a interferência da voz de outros no discurso do viajante é quando ele afirma que os índios em questão - Tactaias e Votorons - eram denominados de bugres. Esta denominação era atribuída a diversas nações indígenas que não eram cristãs. A palavra bugre, termo de origem francesa (*bougre*), significava herético, pagão, inculto, selvático.

Natterer, ainda nesta mesma carta, trazia novas informações sobre os índios Tactaias e Kamé⁶ que, segundo informações que chegavam a ele, eram índios que viviam em guerra:

Os Tactaias são a nação mais forte e vivem em guerra com as outras. Quando em 1770 foi empreendida para ali a primeira expedição por iniciativa do D. Afonso Botelho, estabeleceram-se relações primeiramente com os Kamé, que se demonstravam excepcionalmente amistosos com os portugueses. Porém, quando estes se achavam bem seguros e se descuidaram da necessária cautela, os índios mataram 7 pessoas. Parece que não utilizaram a melhor maneira para estabelecer amizade com os índios, pois após três anos a expedição se desfez por completo e o governo não tinha conseguido nada de bom nem para si e nem para os índios.⁷

Neste trecho da carta para Karl von Schreibers é possível perceber também que Natterer ouviu a “história” destas tribos de índios, uma demonstração da polifonia em seu discurso sobre os índios do Brasil. Além disso, este recorte apresenta uma tentativa de atribuir

⁵ Carta de 26 de fevereiro de 1821 para Karl von Schreibers, WStLB.

⁶ Até meados do século XIX diversas denominações foram dadas aos índios Kaingang: Coroado, Coronado, Xokren, Guanana, Gualachos, Gualachi, Votoron, Kamé. Essa variedade de nomes acabou produzindo uma enorme confusão para os pesquisadores. Diversos viajantes reproduziam as histórias e os nomes dados aos índios que ouviam dos colonizadores.

⁷ Carta de 26 de fevereiro de 1821 para Karl von Schreibers, WStLB.

um caráter perverso aos índios que, após a tentativa de se criar laços com eles - o que não foi possível, pois eles mataram sete pessoas - acabou se comprovando, pois estes eram, segundo o relato que chegou até o viajante, seres inconfiáveis e sorrateiros.

E a história do contato entre eles e os portugueses prossegue no seu relato:

Após a chegada do rei no ano de 1809 foi organizada uma segunda expedição. Ela era composta de um grupo de 200 homens com 4 canhões sob o comando de um tenente-coronel de nome Diogo. Dois sacerdotes o acompanharam, um vigário, Padre Francisco das Chagas, e seu coadjutor, o monge beneditino Pedro. O padre Francisco, um homem venerável e bem preparado para o cargo, o qual ainda se encontrava por lá constantemente, fez todos os esforços para converter com bondade os índios, se expondo aos maiores perigos, e buscando acostumá-los a um outro modo de vida. Contudo, já que o comandante militar tomou medidas frequentemente muito rigorosas e sangrentas, onde talvez ainda não fossem necessárias, então apareceram logo divergências entre ele e o sacerdote, que eram muito desfavoráveis para o objetivo. Nos últimos anos o número de índios batizados totalizava cerca de 200. Estes se estabeleceram nas proximidades das fortificações; porém, eles retornavam frequentemente para as florestas, para os seus pares. Queria-se construir uma vila e nomeá-la de Vila Real, mas ali não se conseguiu nada. Também se tentou estabelecer uma comunicação com as missões que estavam no Uruguai para abastecer-se de gado de lá; porém, isso não teve sucesso desde a primeira tentativa.⁸

Neste outro trecho um pouco mais extenso, pode-se perceber, contudo, a voz do próprio viajante quando ele cita e critica, parcialmente, a ação violenta do comandante militar, com a afirmação “onde talvez ela não fosse necessária”. Entretanto, já que Natterer utilizou também o termo “talvez” nesta mesma estrutura para determinar que ele não sabia bem se ela era ou não necessária, o naturalista, ao mesmo tempo, deixava transparecer que concordava com o uso da força e da violência, caso elas fossem, então, necessárias.

Reforçando o que afirmamos, ou seja, que o viajante não era contra o uso da força e da violência, é possível encontrar em cartas de anos que seguem novas referências à necessidade de se ter sempre uma arma por perto para se defender do provável ataque dos índios que seriam encontrados no caminho. Natterer tinha algumas armas, assim como seu companheiro de viagem Dominik Sochor, mas nem todas estavam boas ou foram testadas. Então, porque não testá-las nos selvagens:

[...] minhas espingardas ocupam 4 malas, isso é carga para 2 mulas. Eu só tenho 3 espingardas de pressão em bom estado. A Schroot e Kugel (arma de caça) me serve com o uso de minhas próprias balas, e pertence ao Sochor; esta é carregada com cartuchos, e assim não vale muito, pois ela espalha ao atirar. Ela ainda não me foi muito oportuna, talvez no Tapajós, nos índios.⁹

⁸ Carta de 26 de fevereiro de 1821 para Karl von Schreibers, WStLB.

⁹ Carta de 26 de outubro de 1822 para Josef Natterer, WStLB.

Natterer seguia muitas vezes os conselhos que recebia e mudava o seu trajeto para não encontrar os selvagens pelo caminho:

Daqui até Diamantino são 30 léguas. De lá até o local de embarque no Rio Preto são 4 léguas. Eu fui desaconselhado a viajar sobre o rio Guaporé e o Mamoré, pois eles são perigosos e não se encontra nenhum índio manso pelo caminho, já que ao contrário nos (rios) Arinos, Jurueba e Tapajós são encontrados os Apiaká, Munduruku e Mawé.¹⁰

O caminho recomendado, entretanto, para Natterer passava também por algumas tribos, mas que, segundo se dizia, estas eram mansas. Os índios eram divididos entre povos selvagens, de um lado, aqueles que não haviam se sujeitado ao colonizador e guerreavam contra ele, e, do outro, os mansos, os que por algum motivo, ou estratégia de sobrevivência preferiram ficar “sob o julgo do colonizador” ou ao lado dele.

O perigo de um ataque dos índios foi mais uma vez destacado quando Natterer contava ao Barão de Mareschal o que chegou até ele sobre o comportamento dos índios Bororo¹¹:

Os Bororo do Cabaçal são indivíduos temerários (*verwegen*), estiveram durante muito tempo aqui nas proximidades, cerca de uma milha ao norte e mataram gado e cavalos, destes cortaram as crinas e os rabos para seus ornamentos de cabeça. Um vaqueiro escapou por pouco. Eles fizeram uma emboscada (*Hinterhalt*) para ele; porém, quando o cavalo que ele montava se assustou, então, ele avistou os vizinhos e partiu em disparada dali. Contudo, seu cavalo caiu em um pântano e não conseguia sair deste local rapidamente, de forma que os selvagens se aproximaram bastante; mas, ele se salvou através de uma corrida acelerada para a floresta, nas cercanias. Esta ousadia (*Kühnheit*), e porque estes mesmos selvagens roubaram uma casa próxima a Jauru, determinou que o governo mandasse equipar uma incursão (Bandeira) contra eles.¹²

A cena descrita neste trecho de uma das cartas de Natterer ilustra de maneira clara o pensamento que circulava à época no Brasil em relação aos índios e que estava presente também na memória do viajante que recontava esta situação. Alguns termos presentes neste trecho são significativos e devem ser destacados para que se entenda melhor o significado do discurso do viajante. O primeiro deles é “*verwegen*”, atribuído aos índios. Este adjetivo foi utilizado recorrentemente para se referir aos índios como seres temerários ou audaciosos, aqueles que não temem nem o mais alto risco, não têm medo de nada e ninguém e devem, por isso, ser temidos. Os índios também são chamados de ousados, quando Natterer se refere à ação deles como “*Kühnheit*” (ousadia) e como ficou claro, em nenhum momento os índios

¹⁰ Carta de 18 de fevereiro de 1825 para Karl von Schreibers, MVK.

¹¹ Ao longo da história, outros nomes foram usados para identificar esse povo: Bororos da Campanha (referentes aos que habitavam a região próxima a Cáceres), Bororos Cabaçais (aqueles da região da Bacia do rio Guaporé), Bororos orientais e Bororos ocidentais.

¹² Carta de 16 de junho de 1826 para o Barão de Mareschal, HHStA.

receberam outra nomenclatura que não “selvagens”. Além disso, o termo “*Hinterhalt*” (emboscada) é atribuído também aos índios. Assim que ficou em evidência, então, nesta cena foi a agressividade e a covardia dos índios. Natterer, após descrever a violência dos índios, acrescentava que, por isso, o governo se via “obrigado” a realizar uma incursão contra os selvagens. Isso demonstra novamente que sua fala estava em sintonia com um dos discursos reinantes no Brasil do século XIX, aquele que defendia ofensivas contra os índios. Em verdade, como pode ser observado, o discurso de Natterer apresentava não apenas um, mas vários pontos de vista sobre o tratamento que deveria ser dispensado aos índios, pois, ao circular pelo Brasil e receber informações de diversas fontes e opiniões distintas, e ao vivenciar o contato direto com os índios, sua fala ia alternando entre um e outro discurso, demonstrando a presença e força da polifonia em seu texto.

A maneira como sua equipe precisava dormir, ir ao banheiro ou mesmo buscar água também foi destacada nesta mesma carta: “Em algumas épocas nós vivemos em estado de sítio, por assim dizer, pois ninguém ia buscar água sem um acompanhante armado, já que isso era um pouco distante.”¹³ Ao afirmar que sua situação se assemelhava a um estado de sítio, Natterer também se colocava numa posição defensiva perante o (iminente) ataque ou emboscada dos índios.

Contudo, esta preocupação chegou ao ápice durante sua viagem junto à sua equipe pela Capitania do Mato Grosso no ano de 1828. Natterer conta que ouviu tiros. Mas, como está um pouco atrás dos demais membros, corre assustado para o local, pois acredita que os integrantes de sua Expedição estão sendo atacados por selvagens:

Alguns minutos depois eu ouvi o disparo de um tiro, logo em seguida um segundo, um terceiro e um quarto. Eu impeli os meus cavalos e corri adiante depressa com meu negro, as espingardas prontas, imaginando que os selvagens do Cabaçal teriam atacado minha tropa. Logo eu os alcancei e encontrei minhas mulas dispersas, porém não havia nenhum selvagem. Meu pessoal tinha atirado em uma onça pintada e já se ocupava em colocá-la sobre uma mula.¹⁴

Esta cena descrita, que se aparenta muito com a de um filme, é bastante significativa no contexto e demonstra que as repetidas histórias de ataques de índios ficaram marcadas na memória do viajante austríaco, e serviram para ilustrar sua mente até que ele chegasse ao local onde aconteceu o verdadeiro fato, a caça e morte de uma onça. A força dos discursos presentes neste trecho são provas da polifonia no texto de Natterer, pois este se baseava em histórias contadas.

¹³ Carta de 16 de junho de 1826 para o Barão de Mareschal, HHStA.

¹⁴ Carta de 8 de janeiro de 1828 para o Barão de Mareschal, HHStA.

Apesar desta narração equivocada, Natterer, na mesma carta, descreve outra situação que serviria como justificativa para seu equívoco anterior. Ele continua falando dos índios Bororo do Cabaçal e diz que:

Já que eles (os Bororo do Cabaçal) no ano passado mataram e levaram um soldado armado na floresta de Caiçara próximo à Vila Maria, então, usava-se durante algum tempo dois homens a cavalo de Caiçara até Jaurú, 18 milhas de distância, como escolta para os viajantes; porém, logo se desistiu novamente disso. Trata-se de uma nação indomável (*unbändig*) e temerária (*verwegen*) e os Bororo da Campanha têm muito medo deles.¹⁵

A morte do soldado armado por uma tribo de índios que era temida mesmo por outra tribo justificaria os adjetivos que a acompanham (*unbändig*) “indomável” e (*verwegen*) “temerária”.

E o medo que Natterer tinha de se encontrar com selvagens pelo caminho era constante. Além dos relatos oficiais que era obrigado a fazer para Schreibers ele também transmitia notícias suas e do material recolhido para o Barão de Mareschal, encarregado de negócios da Áustria, no Brasil. Em uma destas cartas para o representante do governo austríaco, o viajante deixa dúvidas se irá conseguir chegar ao Pará temendo por sua vida:

Meus bens restantes e materiais que pertencem à coleção e equipamentos ocupam 25 baús e malas e sete bolsas. Eu achei necessário comunicar isso a vosso ilustríssimo, já que em uma viagem tão distante e cheia de perigos e dificuldades (*voll Schwierigkeit gefahrvollen Reise*) através de regiões habitadas por selvagens, minha vida facilmente encontra-se em jogo.¹⁶

O trecho acima está rico em palavras que dão a sensação ao leitor de que o viajante está realmente passando por uma região onde ele corria um alto perigo de vida devido à presença dos “selvagens”. O naturalista utilizou, por exemplo, o substantivo *Schwierigkeit* (dificuldade) junto com o adjetivo *voll* (cheio/a) para se referir ao caminho que faria, e também usou o adjetivo *gefährvoll* (cheio/a de perigo) para qualificar sua viagem. A ênfase no perigo era tanta, que o medo de perder o seu material, e também sua vida, levou o viajante austríaco a avisar que este era o motivo pelo qual estava escrevendo. Da mesma forma, é clara a posição de auto-piedade e também de exaltação do próprio viajante neste trecho.

Foi encontrada uma carta de Natterer que demonstra que seu posicionamento em relação aos índios, até 1828, era semelhante ao dos colonizadores portugueses. O austríaco tratava com naturalidade a ação do governo de atacar os índios. O viajante escreveu para um

¹⁵ Carta de 8 de janeiro de 1828 para o Barão de Mareschal, HHStA.

¹⁶ Carta de 10 de julho de 1829 para o Barão de Mareschal, HHStA.

militar chefe de expedições, as chamadas bandeiras, e além de nomear os índios como “*bugres Cabexis*”, pede ao oficial que lhe arranje o “esqueleto das cabeças de alguns deles.”¹⁷

Nestas afirmações está presente a concordância do naturalista com as práticas do governo português, quando ele afirma que se trata de uma prática penosa, porém útil para a província. Para o naturalista os índios eram parecidos com os animais que ele caçava para sua coleção; o pedido que fez ao militar se assemelhava muito a pedidos que fazia também a outros quando se referia a animais. A diferença aqui é que ele afirma que os crânios seriam estudados; possivelmente uma referência ao pedido de Blumenbach.

Um fato histórico, responsável, inclusive, pela sua saída do Brasil, também serviu de base para Natterer expor a agressividade dos índios. A Cabanagem (1835-1840), revolta social liderada por índios, foi descrita pelo viajante em carta escrita a bordo do navio inglês que o levou de volta para a Europa:

Desde o assassinato do presidente e comandante das armas em 7 de janeiro e a ocupação da cidade pelos índios mansos e as pessoas de cor dos arredores, o Pará se tornou um cenário de eventos sangrentos. [...] Os índios armados aumentaram na cidade já para um número acima de 1000 homens. [...] Não muito tempo depois eles saquearam Vigia e assassinaram mais de 100 brancos e exerceram semelhantes atos em outras regiões. [...] O combate durou nove dias; porém, todo dia os índios ganhavam mais terreno, de casa em casa, onde eles saqueavam tudo e matavam os portugueses. [...] O que restava de portugueses era assassinado.¹⁸

A violência descrita nesta cena acima, quando índios revoltosos tomaram a cidade e mataram centenas de portugueses, saquearam casas e destruíram tudo o que encontravam, construiu uma imagem de destruição sem sentido, justificando as anteriores atribuições de que os índios seriam seres inconfiáveis, irracionais e não civilizados. Por outro lado, não há, junto à descrição da violência, qualquer explicação por parte do austríaco sobre porque ela acontecia. Lembremos que Natterer também não fez sequer qualquer comentário sobre os diversos massacres que ocorriam no Brasil por parte do governo contra os índios, comentava apenas sobre as expedições que aconteciam e ainda pedia crânios aos militares para sua coleção. Da mesma forma, apresentava justificativas para estes massacres com exemplos de arapucas feitas por índios que atacavam os viajantes de surpresa no meio da floresta. A sequência de palavras associadas à violência nestas frases do trecho citado — *assassinato*, *eventos sangrentos*, *saqueavam*, *combate* — remete a uma situação de extrema agressividade e deixa claro que o índio tinha atitudes selvagens e seu comportamento não era civilizado;

¹⁷ Carta de 17 de outubro de 1828 para José Gomez da Silva, MVK.

¹⁸ Carta de 12 de novembro de 1835 para Karl von Schreibers, MVK.

portanto, justificava discursivamente a necessidade da interferência e da presença do europeu nesta zona de contato. Natterer omitia com isso, na verdade, aquilo que já ocorria em diversas partes do Brasil, os assassinatos em massa de índios.

Outra característica intrínseca dos índios, a qual o naturalista austríaco vai se referir, então, conforme o que ouvia de outras pessoas era o hábito de fugir. O europeu não conseguia entender porque o índio voltava para a floresta e deixava a civilização para trás.

A fuga do índio para retornar para a floresta foi algo que apareceu recorrentemente nos textos de Natterer. Associado a esta fuga, vinham adjetivos que tentavam passar a ideia de que ele o fazia, porque era preguiçoso e tinha dificuldade intelectual para entender as coisas.

A inata morosidade, despreocupação e preguiça dos arrendados e assim chamados camaradas, assim como também do meu próprio negro, são os culpados para que neste momento minhas coisas e a preparação devam estar ainda numa situação que não me deixa esperanças de partir daqui neste mês. Infelizmente eu tenho que vivenciar todos os dias tristes experiências do quão pouco se pode dispor de condições aqui, num país ainda meio-selvagem, assim como determinar algo com antecedência.¹⁹

Os camaradas alugados aqui são os índios que ele “arrendou” para servirem de guias e caçarem para ele, como dissemos anteriormente. A culpa de seus problemas foi atribuída a eles e aos escravos. Natterer, numa demonstração clara de eurocentrismo, atribuía a culpa a seus ajudantes pela demora e longa permanência em Ipanema. O alvo de suas palavras não era só os “camaradas” ou os negros da nação, ela própria, intitulada de “meio-selvagem” foi também responsável pelo seu atraso. Esse discurso eurocentrista do naturalista reflete o olhar do viajante para com a nação visitada.

Mesmo com o passar dos anos, vamos encontrar o viajante austríaco com o mesmo olhar em relação aos índios, quando ao serem novamente chamados de preguiçosos. Quando Natterer estava no Mato Grosso visitou uma região onde os índios Bororos eram domesticados e, então, comentou que: “alguns são encontrados entre os trabalhadores que cuidam do gado, embora eles sejam em geral muito preguiçosos”²⁰.

Confirmando que sua visão em relação aos índios não mudou com o passar do tempo, nas cartas seguintes, mais uma vez o naturalista vai se referir ao hábito de fuga dos índios como algo de sua natureza, algo que é intrínseco a eles. Após requerer índios para compor sua Expedição, para caçar e pescar, Natterer conta que pagou a todos, menos àqueles que fugiram, “o que é um hábito inteiramente inato dos índios”²¹. O naturalista enfatizava e não deixava

¹⁹ Carta de 20 de abril de 1822 para o Barão de Mareschal, MVK.

²⁰ Carta de 16 de junho de 1826 para o Barão de Mareschal, HHStA.

²¹ Carta de 19 de setembro de 1830 para o Barão de Mareschal, MVK.

dúvidas em sua atribuição ao índio de um traço inato, quando fazia uso, para isso, do advérbio *ganz* anteriormente à expressão hábito inato (*ganz angebohrne Gewohnheit*). Este advérbio é utilizado em alemão para fortalecer o sentido de um adjetivo ou mesmo de outro advérbio, e tem, na maioria das vezes, o sentido de “muito”, “por completo”, “bastante”, ou mesmo “todo”.

Ao redigir, meses depois, seu relato oficial para Karl von Schreibers, Natterer acrescenta ainda mais detalhes sobre um fato ocorrido:

Ao meio dia nós partimos e pernoitamos em uma longa ilha, onde à noite dois de meus índios fugiram o que é um hábito inato destes seres preguiçosos, que frequentemente deixam o chefe do navio completamente sozinho. Por sorte eles não me roubaram nada das canoas.²²

Além de fujões e preguiçosos, os índios foram chamados de ladrões, quando ele afirma que “por sorte” eles não levaram nada de suas canoas. Estas e outras referências aos hábitos não civilizados dos índios serviram para justificar as atitudes de combate ao índio, praticadas pelo governo (europeu) português, assim como apagar a presença, ou dito de outra forma, a interferência do europeu no país visitado, ou na zona de contato, chamada de terra “descoberta”, cujos donos eram vistos como intrusos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve artigo busquei colocar em evidência, com exemplos retirados das cartas de Johann Natterer e através do destaque de algumas formações discursivas sobre os índios, as estratégias linguísticas utilizadas pelo viajante europeu para descrever os índios do Brasil, no que se refere ao comportamento e o caráter destes.

Para isso, fiz uso de conceitos oriundos principalmente da AD. Além disso, como se tratava de um corpus textual muito específico, pelo fato de não ser uma obra sistemática o meu objeto de análise, precisei também abordar aspectos da ordem da cultura, da ideologia e do poder (como o etnocentrismo). Ficou desta forma, evidente a necessidade de tratar este assunto com uma metodologia interdisciplinar, fazendo uso, também, de outras bases teórico-metodológicas complementares, que possibilitaram uma evidenciação dos recursos discursivos utilizados pelo naturalista em sua construção da imagem dos indígenas.

Como visto, Johann Natterer, (re)apresentou e reforçou em suas cartas o discurso, reinante sobre os índios no Brasil, principalmente os que atribuíam ao índio adjetivações pejorativas como indolente, preguiçoso, traiçoeiro, inculto, vagabundo, sem cultura etc.

²² Carta de fevereiro de 1831 para Karl von Schreibers, MVK.

Entretanto, em suas estratégias discursivas, o viajante buscou se posicionar, em alguns momentos, como figura neutra. Natterer se omite em suas cartas, ao atribuir aos outros (aos discursos que chegavam até ele) as opiniões que apresenta aos seus leitores sobre o tratamento dispensado aos índios, assim como as qualificações pejorativas dos mesmos.

O que se pode concluir, com base nestas estratégias, é que, como representante da burguesia europeia, o naturalista era, na verdade, simpático as práticas de então em relação aos índios, pois se via como superior perante estes.

Em seu discurso Natterer assumia, discursivamente, uma posição de sobrevivente diante daquelas adversidades e diante dos povos selvagens e incultos que encontrou aqui incluem-se também, os negros e mesmo os brasileiros em geral. Para o naturalista, não somente os índios eram os selvagens, a própria nação visitada, o Brasil como um todo, também é chamada de selvagem.

Além destas descrições constantes de um país selvagem, Natterer também valoriza suas atitudes de líder e chefe da Expedição, omitindo a participação fundamental dos índios em sua equipe, sem os quais ele não teria conseguido percorrer toda a vasta região do Brasil que visitou, nem obter grande parte dos animais e objetos que coletou; sua Expedição não conseguiria, na verdade, o grande êxito que teve sem a ajuda dos índios.

O discurso do viajante, predominantemente naturalista, estava carregado também de valores (ideológicos) eurocêntricos. A Expedição científica austríaca estava vinculada a um projeto mais amplo por parte do governo austríaco que, em associação com a história natural (o discurso naturalista), “respaldava o interesse dos impérios europeus” (FERREIRA, 2006). A criação da Expedição dava vida ao poderio imperial e às atividades básicas, como coletar espécimes e classificá-las demonstrava, também, a supremacia de um Estado imperial (colonizador).

Com o intuito de fortalecer a defesa de outro olhar para os índios, valorizando sua história e cultura, este artigo dá voz também àqueles que defendem uma historiografia mais atuante e que inclua os índios. Não coube ao presente texto discutir a questão da historiografia sobre os índios - para isso recomendamos alguns trabalhos que tratam da questão de maneira ampla e objetiva como Pinheiro (1999), Bessa Freire (2000) e Moreira (2012). Resta afirmar, porém, que, apesar do muito que tem sido feito para se valorizar e dar a devida importância ao índio e ao seu papel na história, ainda é possível encontrar obras recentes, ou atuais, que os excluem, ou praticamente os anulam discursivamente na construção de nossa história, desde a “descoberta” do Brasil pelos europeus.

REFERÊNCIAS

ADELAAR, W. F. H; BRIJNEN, H. B. Johann Natterer and the Amazonian languages. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, UNB, Brasília, V. 6, n.2, Dez. 2014

ALMEIDA, M. R. C. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2010

_____. Reflexões sobre política indigenista e cultura política indígena no Rio de Janeiro oitocentista. **Revista USP**, São Paulo, n.79, p. 94-105, setembro/novembro 2008

ANDRADA E SILVA, J. B. **Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil**. Projeto apresentado à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa, 1823.

BAUMER, F. L. **O Pensamento Europeu Moderno, vol. II, Séculos XIX e XX**. Lisboa: Edições 70, 1990.

BECHER, H. Observações de Wilhelm Christian Gotthelf von Feldner entre os Maxakarí na primeira metade do século XIX. **Revista de Antropologia**. Vol. 9, N.1/2 (Junho e dezembro) PP. 61-68. USP. São Paulo. 1961.

BESSA FREIRE, J. R. Cinco idéias equivocadas sobre o índio. In **Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH)**. Manaus-Amazonas, n.01 – Setembro P.17-33. 2000.

BIRKHOLZ, A. **Österreich und Brasilien 1816-1831**. (Tese de Doutorado em Filosofia). Werner Blasaditsch. Munique. 1970

CANSATT, O. **Repertório Crítico da Literatura Teuto-Brasileira**. Rio de Janeiro, Presença, 1967.

CUNHA, M. C. **Índios no Brasil. História, Direitos e Cidadania**. São Paulo. Ed. Claro Enigma, 2012

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

ESCHWEGE, W. L. V. **Journal von Brasilien oder vermischte Nachrichten aus Brasilien, auf wissenschaftlichen Reisen gesammelt**. Verlage des Gr.H.G. Landes-Industrie-Comptoirs, Weimar 1818.

FELDNER, W. C. G. V. **Reisen durch mehrere Provinzen Brasiliens: Aus seinen nachgelassenen Papieren**. Druck der Königlichen Hof- und Regierungs-Buchdruckerei bei E. D'oench. Liegnitz, 1828.

FERREIRA, L. M.: Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil imperial. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 13, n. 2, p. 271-92, Abr.-Jun 2006.

GOELDI, E. A. Johannes Natterer. **Boletim do Museu Paraense**, V.1, n.3, jun., p.190-217, Pará, 1896.

IHERING, H. V. Natterer e Langsdorff. Exploradores antigos do Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**, V. 5, p. 13-34, São Paulo, 1902.

KANN, B. **Zwischen Ordnungslust und Naturschwärmerei**. Naturwahrnehmung bei den Teilnehmern der österreichischen Brasilienexpedition 1817-1835 und Kronprinzessin (resp.Kaiserin) Leopoldine. In: *Archiv für Völkerkunde* 52; 13-22. 2002.

_____. „**Von den österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit**“. Morrisville, Lulu, Wien 2007.

KANN, P. **Die Brasilien-Sammlung von Johann Natterer**. In: *Archiv für Völkerkunde* 52; 7-12. 2002.

LANGSDORFF, G. H. V. **Bemerkungen über Brasilien. Mit gewissenhafter Belehrung für auswandernde Deutsche**. *Verlag von Karl Gross*. Heidelberg 1821.

MAXIMILIAN, P. W. **Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817**. Heinrich Ludwig Bronner, Frankfurt a. Main, 1820.

MONTEZ, L. B. Johann Natterer e a situação singular de seu legado textual: propostas para uma análise crítica e ideológica de seus discursos acerca do homem brasileiro. In: Terceiro Congresso Nacional de Letras, Artes e Cultura. **Anais...** UFSJ, 701-709, 2010.

MOHR, L. V. **Helmintofauna do marrecão, netta peposaca (vieillot, 1816) e da marrecaneleira, dendrocygna bicolor (vieillot, 1816) no Rio Grande do Sul**. Dissertação de mestrado em biologia animal. Porto Alegre, UFRGS. 2001.

MOREIRA, V. M. L. Os índios na história política do Império: avanços, resistências e tropeços. In: **Revista História Hoje**. Vol. 1, agosto de 2011 – julho de 2013, p. 269-274, UFAM, 2012.

OLIVEIRA, J. P; FREIRE, C. A. R. **A Presença Indígena na Formação do Brasil – Brasília**: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

ORLANDI, E. P. **Terra à vista**. Discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1990] 2008.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP. Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso.** Campinas, Ed. Pontes, 1988

PELZELN, A. V. **Zur Ornithologie Brasiliens – Resultate von Johann Natterers Reisen in den Jahren 1817 bis 1835.** Verlag von A. Pichler's Witwe & Sohn, Wien, 1871.

PESSOA, L. A. **A imagem do Brasil na literatura de Viagem alemã do Século XIX.** Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1991.

PRATT, M. L. **Os Olhos do Império: relatos de viagens e transculturação,** Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre, Bauru: EDUSC, 1999

RAMIREZ, E. S. **As relações entre a Áustria e o Brasil (1815-1889).** São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasileira, 1968.

REGO, A. A. **Expedições e coletas helmintológicas no Brasil.** Ciênc. Cult.34 (4): 507-510. 1982

SAMPAIO, P. M. **Política Indigenista no Brasil Imperial.** In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. (Orgs.) *O Brasil Imperial (1808-1889)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, p. 175-206, 2009.

SAMPAIO, T; TESCHAUER, C. **Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena.** Salvador: Livraria Progresso, 1955.

SANTOS, R. C. **Construções discursivas do negro em relatos de viagens alemãs no Rio de Janeiro oitocentista.** Rio de Janeiro: UFRJ/ CLA, 2010.

SCHOLLER, H. **As contribuições dos austríacos ao progresso do Brasil.** RIHGB, Rio de Janeiro, v. 259, p. 207-215, abr./jun, 1963.

SCHMUTZER, K. **Reisen im Innern von Brasilien.** In: Archiv für Völkerkunde 52; 23-46 2002.

_____. **Der Liebe zur Naturgeschichte halber. Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1835.** 2007. Tese de doutorado. FPB/Universidade de Viena, Viena, 2007.

SCHREIBERS, K. F. A. V. **Nachrichten von den kaiserl. Österreichischen naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit aus den Amtsrelationen der k. k. Gesandtschaft am Hofe von Rio Janeiro an das k. k. Ministerium der auswärtigen**

Angelegenheiten in Wien, aus den Berichten und Briefen der Naturforscher an den k. k. Hof-Naturalienkabinettsdirector. Herrn Karl v. Schrei. Teil 1. Joseph Georg Trassler, Brunn, 1820.

_____. **Nachrichten von den kaiserl. Österreichischen naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit aus den Amtsrelationen der k. k. Gesandtschaft am Hofe von Rio Janeiro an das k. k. Ministerium der auswärtigen Angelegenheiten in Wien, aus den Berichten und Briefen der Naturforscher an den k. k. Hof-Naturalienkabinettsdirector. Herrn Karl v. Schrei. Teil 2.** Joseph Georg Trassler, Brunn, 1822.

_____. **Notícias dos naturalistas imperiais austríacos no Brasil.** Parte I. RIHGB, Rio de Janeiro, v. 283, p. 191-254, abr./jun, 1969.

SCHWARZ, S. M.. **Rio de Janeiro in der Fremdwahrnehmung Reisender.** Zu den Stadtimages Rio de Janeiros in der deutschsprachigen Reiseliteratur des 19. bis 21. Jahrhunderts. Dissertação de Mestrado. Universidade de Viena, Viena, 2008

SILVA, G. E. N. As relações diplomáticas entre o Brasil e a Áustria. **Rev. IHGB**, Rio de Janeiro, p. 665-676, jul./set., 1991.

STEINLE, R. **Historische Hintergründe der österreichischen Brasilienexpedition (1817-1835) mit einer Dokumentation der Bororo-Bestände aus der Sammlung Natterer des Museums für Völkerkunde in Wien** (ungedr. phil Diss.). Wien, 2000.

_____. „**Waffen und Gerätschaften der Indianer aus Brasilien ...**“. **Eine Dokumentation der Bororo-Objekte der Sammlung Natterer.** In: Archiv für Völkerkunde 52; 47-92 2002.

STRAUBE, F. C. **Johann Natterer (1787 – 1843) – naturalista maior do Brasil.** In: Nattereria 1 4-13. 2000.

_____. Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 1 (1820 a 1834). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. **Hori Cadernos Técnicos** n° 5, 241+xiii pp., 2012.

TIMM, R. M; PATTERSON B. D. **Studies in Neotropical Mammalogy.** Essays in Honor of Philip Hershkovitz. Bruce D. Patterson. new series 39; 11-98. 1987.

VANZOLINI, P. E.: A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. In: **Revista USP** 30 190-238. 1996.

VIERTLER, R. B. A experiência do outro na antropologia. **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v. 5, n1/2, p 269-283, 1994.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SANTOS, R. C; MONTEZ, L. B. Formas De Representação dos Índios nas Cartas de Johann Natterer. **Rev. FSA**, Teresina, v.13, n.6, art.8, p. 125-148, nov./dez. 2016.

Contribuição dos Autores	R. C. Santos	L. B. Montez
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X